

O ESPECTRO

CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

Ha seis mezes que esta comedia tragica vae durando. O espirito publico, no qual a sufficiencia dos ministros lançou a semente da esperanza n'uma solução favoravel, oscilla morbidamente entre o desanimo e a paixão.

Novidades, 30 de junho de 90.

Não se ouve em toda a imprensa senão d'estas reflexões que cheiram a defunctos, e d'estes pre-nuncios de desmoronamento politico.

Os jornaes monarchicos da opposição são ainda mais pessimistas que os jornaes republicanos. E' um *De profundis!* geral, entoado tristemente em volta do ministerio, em volta do parlamento, e até em volta da monarchia...

O terror apoderou-se de todos os campos; e a opposição tem suas duvidas ácerca do que será mais perigoso para a nação portugueza — se uma invasão do cholera, se a politica do sr. Hintze Ribeiro.

Se me nomeassem arbitro para escolher entre os dois males — eu optava pelo cholera!

Já vivi em plena epidemia, durante o verão de 1884, em Paris, quando morriam 200 pessoas por dia. E vi de perto como se atalhava o mal, e se salvava do cholera uma população de 2.500:000 habitantes.

Agora salvar da diplomacia do sr. Hintze e das garras de lord Salisbury uma população de 4.500:000 habitantes — francamente que não sei. E affirmo á face de Deus e da Egreja que a medicina tambem ignora os meios de atacar e de aniquilar tamanha calamidade!...

*
* *

Só os jornaes *regeneradores* — e não todos — teem a sufficiente ousadia ministerial para affirmar que tudo corre ás mil maravilhas; que as finanças e as colonias passam sem novidade em sua importante saude; e que lord Salisbury vae dar todas as satisfações possiveis e imaginaveis ao illustre Metternich de Caneças, que ora dirige o nosso ministerio dos estrangeiros.

Ora será bom não esquecer que esses mesmos jornaes tambem ousaram affirmar em maio findo, que os banqueiros de Paris entregariam *integralmente* ao governo, os 9:000 contos do famoso emprestimo *firme*. E os banqueiros só por muito favor entregaram a metade do emprestimo!

De modo que as satisfações de Salisbury, que só se roja aos pés da Allemanha e que está dan-

do todas as satisfações e compensações á França, por causa do protectorado de Zanzibar, — hão de ser eguaes ao respeito que Buchanan na Africa mostrou ter pela bandeira portugueza...

*
* * *

Ao lêr os artigos desoladores da imprensa *progressista*, chega-se á terrivel conclusão de que não é só a situação *regeneradora* que está pôdre, — mas sim toda a politica dos partidos monarchicos.

Sente-se perfeitamente que estamos á beira — ou d'uma *transformação*, ou d'uma *revolução*. O que nós estamos, é assistindo á agonia do *liberalismo 1830*, ao enterro dos velhos processos de governo, de que Fontes era o ultimo representante em Portugal, e creio mesmo que em toda a Europa.

E como nos achamos em face de novos problemas politicos, sociaes e economicos; e como os herdeiros de Fontes se vêem forçados a reconhecer que já não estão «á altura da gravidade das circumstancias» — mas não querem dar o seu braço á torcer; — succede que tudo apodrece e se desfaz, lentamente, empéstando os ares...

Quando a carroça do lixo tiver levado da estrada esse cadaver do velho *liberalismo* rhetorico e romantico, — então virá a tal *transformação*, ou a tal *revolução*...

* * *

Eu aposto pela *transformação*. Ella tem fatalmente de se operar nas chamadas *classes dirigentes* — talvez assim chamadas por não dirigirem coisa alguma em termos! As taes classes já para ahi se acham voltadas, attendendo a que os actuaes processos de governo estão gastos e desacreditados, e é necessario e urgente fazer *politica nova*.

Quanto á *revolução*, teria de rebentar da onda popular; e quando não rebentou em 11 de fevereiro de 90 — já não rebenta tão cedo...

O povo portuguez está pouco disposto a fazer revoluções, não só porque não vê o principio ou a ideia que valha a pena de lhe arriscar a pelle, — como tambem se acha n'um profundo estado de ignorancia para poder comparar a sua situação (que é miseravel) com a de outros povos do centro da Europa, como o belga, o hollandez e o suisso.

Emquanto em Portugal a massa dos trabalhadores dos campos e das cidades não tiver uma comprehensão exacta dos seus deveres e dos seus direitos, não tiver a consciencia das regalias politicas e sociaes a que todo o homem livre tem jus, — uma revolução é uma coisa impossivel, uma revolução é uma chimera. A não ser que amanhã appareça um governo sufficientemente estúpido — e tudo póde acontecer em Portugal! — que augmente n'uma tal proporção os impostos que, para os pagar, precisem os trabalhadores de empenhar as enxergas e os seus instrumentos de trabalho...

*
* *

A questão colonial, por mais desastrosa e vergonhosa que seja a sua solução, também não é de molde a excitar e revolucionar o povo.

O povo portuguez não sabe, nem saberá n'estes 50 annos mais proximos, o que é a Africa, e que riquezas possui o continente negro...

Nem os proprios jornalistas o sabem! Não se zanguem, porque lhes vou dar já um exemplo.

Tenham a bondade de percorrer os jornaes d'este anno que fallaram da vinda a Lisboa da embaixada do Maputo.

Essa embaixada de pretos foi assumpto para noticias de risota, na sua maior parte saturadas de facecias e gracejos sufficientemente avariados. Poucos jornaes tomaram a sério os pretos do Maputo.

Pois no dia em que a rainha d'aquelle territorio se deixar embalar pelas intrigas dos missionarios inglezes, e deixar de prestar vassallagem á corôa de Portugal, — teremos a Inglaterra a apoderar-se de Lourenço Marques, como agora se apoderou da região do Chire.

Que os nossos jornalistas, que tanto riram da embaixada do Maputo, se dêem ao trabalho de lêr a «Decisão arbitral do Presidente da Republica franceza, entre a Grã-Bretanha e Portugal, relativa á bahia de Lourenço Marques, que teve logar em 24 de julho de 1875.» — Encontram-na no tom. III, pag. 517, do *Nouveau Recueil général de traités*, de Ch. Samwer e Jules Hopf.

Ahi verão que a arbitragem do marechal de Mac-Mahon na questão de Lourenço Marques, entre Portugal e a Inglaterra, teve por fim reconhecer os direitos de Portugal sobre o territorio de Tembe, e sobre o territorio de Maputo, comprehendendo este a península e a ilha de Inyack (Inhaca), assim como a ilha dos Elephantes.

Felizmente para nós que os embaixadores do Maputo ainda ignoram os segredos da arte typographica, e o prazer que sente o branco com a leitura quotidiana e matinal das gazetas. Aliás teriam percebido que seriam mais bem acolhidos em Londres ou em Berlim: — e lá se ia uma parte de Lourenço Marques pela agua abaixo...

* * *

E' n'estas e n'outras ignorancias não só do povo, mas dos proprios jornalistas, que se vae fiando o ministerio, para continuar representando a funebre farçada da nossa decadencia colonial...

A não ser que um qualquer movimento operario em Lisboa e Porto atire com essa philarmonica de *ávante-canecences* de pernas para o ar: — mandando Metternich para Caneças chorar as suas desgraças d'estadista nos braços do sr. conde de Valenças e do sr. visconde de Faria; mandando o sr. Arouca janotear e monoculisar para as frisas de S. Carlos; e mandando o sr. João Arroyo para Coimbra, de novo dirigir e afinar os orphéons e sol-e-dós que tanta fama lhe deram por essas margens do Mondego...

O rei da *Mascotte*, depois de desthronado, passou da posição lucrativa de rei, á humilde condição de tocador de realejo.

O proprio Napoleão, depois de imperador dos francezes, tambem acabou os dias plantando couves em Santa Helena.

Não é pois para admirar que ainda vejamos um conselheiro d'Estado — victima dos baldões da politica — tomar a direcção philarmonica dos *prussianos do Seixal*...

Que a *comedia tragica* de que falla as *Novidades* dure ainda mais seis mezes, e mesmo mais um anno — pouco deve affligir o nosso paiz.

Nós descemos tão baixo, e tão aviltados andamos aos olhos da Europa, que já não ha mais desastres que nos possam affligir profundamente.

Isto de miseria é exactamente como o frio em Paris. O que é duro de roer, é quando a temperatura desce até seis graus abaixo de zero. Depois perde-se a sensação; e tanto frio se sente quando o thermometro desce a *seis*, como quando desce a *doze* graus...

Leyamos o primeiro pontapé da Inglaterra, no dia 11 de janeiro de 90. Berrámos, protestámos, vociferámos, gritámos vingança e guerra ao inglez... Deitámos um ministerio a terra, fizemos demonstrações nas ruas, abrimos subscrições para comprar couraçados e para defender as colonias. Fizemos o diabo!...

Depois veio para o ministerio dos estrangeiros o sr. Hintze, que levou o pontapé inglez á altura d'uma instituição. Nem sei como se não lembrou de fundar a ordem colonial do pontapé!

E hoje — graças á dictadura, ao Hintze, á policia de chanfalho em punho e aos cavallos da municipal — estamos de tal modo acostumados ás ladroei-ras de lord Salisbury, que já o insulto britannico e particularmente salisburyno, passou a ser um elemento da nossa vida quotidiana, como o café com leite, e o pão com manteiga — ingleza!

Póde pois a *comedia tragica* durar á vontade mesmo mais um anno.

Porque se essa comedia hoje terminasse, estou certo que a nova situação ainda havia de ser mais difficil, e talvez mesmo mais perigosa.

*
* * *

Admittamos que o gabinete do sr. Serpa dá hoje a sua demissão, antes de ter resolvido a pendencia com a Inglaterra.

Quem é que o ia substituir? Quem é que El-Rei (que na opinião do sr. Serpa, *não tem a experiencia nem a pratica dos negocios publicos*) havia de chamar para formar um novo ministerio? . . .

No reinado do sr. D. Luiz, via-se o Poder simultaneamente disputado pelo partido *conservador* tendo por chefe Fontes Pereira de Mello, e pelo partido *liberal* tendo por chefe Anselmo Braancamp, depois da sua morte substituido pelo sr. José Luciano de Castro.

Com a morte de Fontes, o partido *regenerador*, minado por mil vaidades mais ou menos canecencas, desfez-se completamente. O que ahi está no poder, nem é a sombra d'um partido. E' um ministerio anarchico e indisciplinado, onde todos mandam, onde todos impõem a sua vontade, sem ninguem querer obedecer ao seu chefe — porque todos os ministros se julgam chefes.

Quanto ao partido *progressista*, tambem o vemos dividido, apesar de todas as apparencias de solidariedade e de disciplina. Basta lêr com alguma attenção as folhas *progressistas*, para vêr que não seguem o mesmo plano de critica e o mesmo ponto de vista politico; para se sentir por detraz de cada *artigo de fundo*, um chefe que falla e quer que a sua palavra seja a unica escutada, e a unica infallivel.

Basta olharmos para a attitude do partido *progressista* nas ultimas eleições de Lisboa, para vermos que as forças do partido se acham divididas; que ha progressistas que obedecem a X..., outros que obedecem a Z..., e que o sr. José Luciano difficilmente poderá affirmar que todos os *progressistas* obedecem ás suas instrucções e á sua vontade...

*
* *

D'aqui se conclue, que é conveniente que a *comedia tragica* continue cada vez a peor, para que haja uma *transformação* dos partidos, no dia em que a crise politica seja mais grave...

Se assim não fôr, se voltamos ao desacreditado

systema dos ministerios de transição, genero duque d'Avila e Bolama, veremos a monarchia entrar n'uma periodo de maiores difficuldades politicas, financeiras e sociaes, que a hão-de conduzir fatalmente ao seu total descredito, ou á sua completa ruina...

Os elementos *conservadores* dos dois partidos monarchicos, teem fatalmente de se aggregar e formar a direita da camara. E dos elementos *liberaes* e *democraticos* dos dois partidos tem fatalmente de surgir um partido novo, com um programma de governo claramente definido, para poder merecer a confiança das classes que hoje são sacrificadas aos vicios e aos erros da actual administração do Estado.

Se os monarchicos portuguezes amam realmente a Monarchia, e se não querem vêr augmentar cada dia a onda republicana que tanto os assusta, e que n'um dia de crise economica nos póde lançar n'uma guerra civil como a de 32,—só devem pensar, não em derrubar o actual ministerio, mas em precipitar a *transformação* dos dois partidos de governo.

*
* *

Se vossas senhorias são sinceramente monarchicos, e não politicos de bandeirinha, com um pé na Monarchia e outro pé na Republica (vidè sr. Antonio Ennes)—tenham a sufficiente fé monarchica para sacrificar vaidades e appetites, limitando distinctamente e quanto antes os dois campos—direita *conservadora*, e esquerda *liberal e democratica*.

Teriamos d'um lado os homens de Auctoridade, do outro todos os defensores da Liberdade. A politica passaria a ser séria e comprehensivel, sem mascaradas e hypocrisias, sem os taes compromissos e as taes compensações—que a tudo o povo chama *traficancias*, e o povo assim dizendo é mais justo e mais sincero no seu dizer, que todos os criticos que se coçam pelos humbraes da *Havaneza*.

Tambem acabava por uma vez esta comedia da opposição *progressista*:—as *Novidades* applaudindo as medidas dictatoriaes do sr. Lopo Vaz; e o *Dia* fazendo cõro com os republicanos contra a dictadura!

Os partidos precisam ser joeirados.—Trigo grosso para um lado; trigo miudo para o outro; e o joio para a valla commum do esquecimento...

Os srs. politicos teem deante de si uma geração de homens de 30 annos, desilludidos dos partidos monarchicos,—porque ambos affectam liberalismo, democracia e até demagogia quando são *opposição*, e passam em 24 horas a ser cynicamente reaccionarios e absolutistas, porque chegaram ao *poder*.

N'estas deploraveis circumstancias, a nossa geração continuará sendo platonicamente *republicana*, —emquanto não vir um partido ser *conservador* no governo assim como na opposição, e outro *partido* ser *liberal* na opposição assim como no poder...

*
* *

Tratem pois de operar a *transformação* dos dois partidos; de definir os dois campos de lucta—para

se saber em nome de que principios e por que theorias se combate.

Tratem de formar dois partidos distinctos — partido de Auctoridade e partido de Liberdade — com programmas politicos, economicos e sociaes perfeitamente determinados. E verão a politica portugueza safar-se d'esse lamaçal em que hoje se emporcalha e se deshonra, e tomar novo rumo, seguro, sereno e sério.

Mas emquanto não tiverem coragem bastante para o fazer, a anarchia politica continuará lavrando por todo o paiz...

E se vossas senhorias se não apressam, se não tratam de mudar de vida antes da proxima legislatura de 91, — então o terramoto talvez seja fatal!...

Relendo o que deixo escripto, e comparando o que escrevo com os artigos ultimamente publicados na imprensa *progressista* e *regeneradora*, — afigure-se-me que sou mais *monarchico* que os proprios monarchicos do governo assim como da opposição, porque indico a unica maneira de restaurar a nossa desacreditada politica indigena, e de fazer com que na monarchia encontrem logar os elementos democraticos que andam dispersos pelo paiz.

Tambem este espirito de tolerancia vae certamente surprehender muitos leitores do **Espectro** que são declaradamente *republicanos*, e que me consideram como um feroz demolidor de thronos.

E' preciso que todos se convençam que eu não sou, nem um *monarchico-constitucional*, nem tão pouco um *republicano-unitario*; e que não tenho nenhuma confiança nas revoluções populares isoladas, nas revoluções que não seguem uma corrente que se estabeleça por toda uma raça, e que não sejam a consequencia d'uma nova ordem de ideias que agitam uma geração ou uma época.

Porque ha revoluções e revoluções. Umas são realmente *revoluções*, outras são apenas *chafaricas*. Umas transformam radicalmente um povo, ás vezes uma raça, outras vezes o mundo inteiro. Emquanto que as outras — as *chafaricas* — servem apenas para combater um addicional de 6 por cento, ou para derrubar um ministro, ou um ministerio.

Para revoluções ainda não estamos preparados. Quanto ás *chafaricas* e aos *chafariqueiros* tenho por ambos o mais inabalavel dos desprezos.

*
* *

E' por tudo isto que entendo que a Monarchia deve ser tolerante, — se não quer provocar uma revolução; e que os partidos monarchicos se devem transformar, — se não querem que a *chafarica* augmente, o que equivale á nossa ruina politica, social e economica.

E aos intransigentes *monarchicos* e aos intransigentes *republicanos* a quem estas theorias possam desagradar, recommendo a meditação das seguintes linhas de Proudhon:

— «Nenhum democrata se póde dizer puro de qualquer monarchismo; nenhum partidario da monarchia se póde vangloriar de ser isento de republicanismo. Fica pois assente que a democracia não tendo parecido repugnar á ideia dynastica, nem tão pouco á ideia unitaria, os partidarios dos dois systemas não teem o direito de se excommungar, e a tolerancia incumbe-lhes mutuamente.»

O illustre Monoculo das Obras-publicas — vulgarmente conhecido pelo nome de sr. conselheiro Arouca — tomou ha dias uma resolução verdadeiramente genial.

A julgar pelo côro de elogios com que essa resolução foi acolhida pelas folhas pagas pelo governo, chega-se á terrivel conclusão — para o sr. Arouca — de que foi objecto de espanto, de surpresa e de pasmo, em todo o partido regenerador — o facto do sr. Ministro das Obras-publicas ter tido uma ideia!

Parece que no actual gabinete o sr. Arouca estava condemnado a ser ministro d'Estado, como certos cavallos são tambem d'Estado — só para fazerem vista!

Que s. ex.^a me não leve a mal a comparação com os quadrupedes... Mas já estavamos tão habituados a vê-lo fazer parada, e a só figurar nas cerimoniaes, nos cirios e no camarote dos ministros, que chegamos por vezes a julgar que tinhamos um Arouca só para *vista*, sem sabermos de que era feito — se de palha, de borracha, ou de cera.

Hoje sabemos que temos um Ministro de carne e osso, o que já não é mau, para um paiz pequeno como o nosso... E o que é mais — um Arouca que toma uma resolução todos os seis mezes!

A tanto ainda não chegou o não menos genial sr. João Arroyo, — porque são os seus collegas que tomam as resoluções que elle devia tomar.

O sr. Arroyo já é o phonographo do ministerio. Tambem quererá ser o manequim da situação?...

*
* * *

Quanto á resolução genial do sr. Arouca das Obras-publicas, Commercio e Industria, peço licença para a considerar — com este ar de irreverencia que ainda me ha de levar ao Limoeiro — uma resolução de pouco mais ou menos.

Na China, onde a civilisação europeia é tão difficil de entrar como uma ideia na cabeça do sr. Hintze Ribeiro — na China tomam-se todos os dias resoluções muito mais geniaes do que aquella de que nos estamos occupando.

Qualquer mandarim do Pétchéli ou do Tché-Kiang realisa todos os semestres innovações bem mais extraordinarias e imprevistas do que um Arouca de S. M. o rei de Portugal.

E qualquer mandarim do Celeste Imperio — sem mesmo pertencer á sabia e douta categoria dos eminentes *colaos* — é capaz de dar lições de governo aos actuaes ministros do sr. D. Carlos.

*
* *

Imaginem que o sr. Arouca tomou a genial resolução de ligar por meio d'um cabo submarino — os Açores á metropole!

O que eu pasmo, é como n'um paiz onde se affirma que cada sobrecasaca envolve um estadista, onde os barbeiros sonham todas as noites com a presidencia do conselho, ou com uma cadeira na camara dos pares, — nenhum estadista se tivesse dado ao incommodo de pensar que as communicações pelo cabo submarino são geralmente (quando não ha interrupção) um quasi nada mais rapidas que as communicações por intermedio de vapores, quiçá por navios de véla. Quiçá! Quiçá!... E que um grupo de ilhas onde ha 300:000 cidadãos portuguezes, e que está a dois ou tres dias de viagem de Lisboa, precisa estar em contacto permanente com a capital.

Isto é que me admira devéras. Ou antes, depois de madura reflexão — não me admira nada!...

*
* *

Não me admira, porque ás portas de Lisboa está o Alemtejo — de cujo sólo dizem maravilhas os engenheiros agricolas francezes.

A's portas de Lisboa está o Alemtejo, a *maior* das provincias de Portugal, absolutamente ao abandono, sem nenhuns elementos para o seu desenvol-

vimento agricola, — sem braços, sem dinheiro e sem credito. E os nossos ministros só pensam em favorecer a emigração para a Africa, em enterrar na Africa milhares e milhares de contos arrancados da pelle do pobre contribuinte, e que só hão de servir aos inglezes, allemães e outros salteadores d'Estado, que por lá andam conspirando contra nós...

Ah! estadistas d'uma canna! Ah! estadistas d'uma figa!...

Quando é que se ha-de pensar no que é essencialmente *portuguez*, e mandar de presente ao Diabo as patacoadas makololas e matabellenses, assim como as ridiculas phantasias militares, que são ha cincoenta annos o mais valente cancro dos nossos orçamentos?...

Ai! que se o povinho soubesse, ou se o povinho quizesse! Até se mandava dentro d'uma caixinha, de presente ao Melaure e á rainha do Maputo, o sr. Antonio Ennes e mais o sr. Hinte Ribeiro!...

*
* * *

Quanto ao sr. Arouca das Obras publicas — que acaba de descobrir que as communições *telegraphicas* são geralmente mais rapidas que as communições *postaes* — que descobrirá elle d'aqui a seis mezes, se ainda estiver no ministerio?...

Que nos mezes de dezembro e janeiro a temperatura é geralmente mais baixa que nos mezes de julho e agosto; e que os portuguezes preferem geralmente as flanellas e as bebidas quentes no *inverno*, emquanto que no *verão* teem uma tendencia

especial para usar fazendas leves e para tomar bebidas frescas...

O sr. Arouca está destinado a ser simultaneamente — o Newton e o Edison do partido regenerador!

Os nossos emboras ao partido...

Alguns leitores do **Espectro**, assim do Porto como de Villa do Conde, tiveram a amabilidade de me escrever, dizendo-me que um tal *Xisto Ximenes*, auctor d'uns pamphletos *Troças ao Pina*, que tanta satisfação proporcionaram aos redactores do *Jornal de Noticias* do Porto, da *Tarde* e do *Correio da Manhã* de Lisboa, era em carne e osso um sr. D. João de Castro, que á falta de casa de penhores que lhe dêsse cinco tostões pelas barbas, andava sollicitando ser manga-d'alpaca d'este governo...

Ora quiz o deus Acaso dos criticos, que eu hontem deparasse na minha prateleira de novissimos poetas portuguezes, com o livro *Alvoradas de Abril*, do mesmo sr. D. João de Castro, livro impresso no Porto, em 1889.

E que imaginam que eu li na primeira pagina, escripto pelo proprio punho do auctor?...

Ao preclaro jornalista e consciencioso critico, o Ex.^{mo} Mariano Pina

off.

D. João de Castro.

*
* *

Ora vejam o que a ambição d'uma manga-d'alpaca produz no cerebro d'um mancebo, que é tão pouco poeta como é D. João de Castro...

O anno passado esse vate chamava-me *preclaro jornalista e consciencioso critico*.

Este anno, que a alpaca o allucina de todos os lados, o mesmo João disfarçado em *Xisto*, o mesmo Castro disfarçado em *Ximenes*, não ha facecias que me não dirija,—justamente quando eu começava a convencer-me de que, se não era um *preclaro* jornalista, era pelo menos um critico *consciencioso*.

Este D. João é tão facil na louvaminha como na injuria.

Ainda o hei-de vêr ministro da instrucção publica, redactor principal do *Jornal de Noticias* ou governador civil do Porto.

O futuro pertence-lhe!

Mariano Pina.

